APLAUSO

ANO III Nº 26

teatro

EXEMPLAR GRATUITO

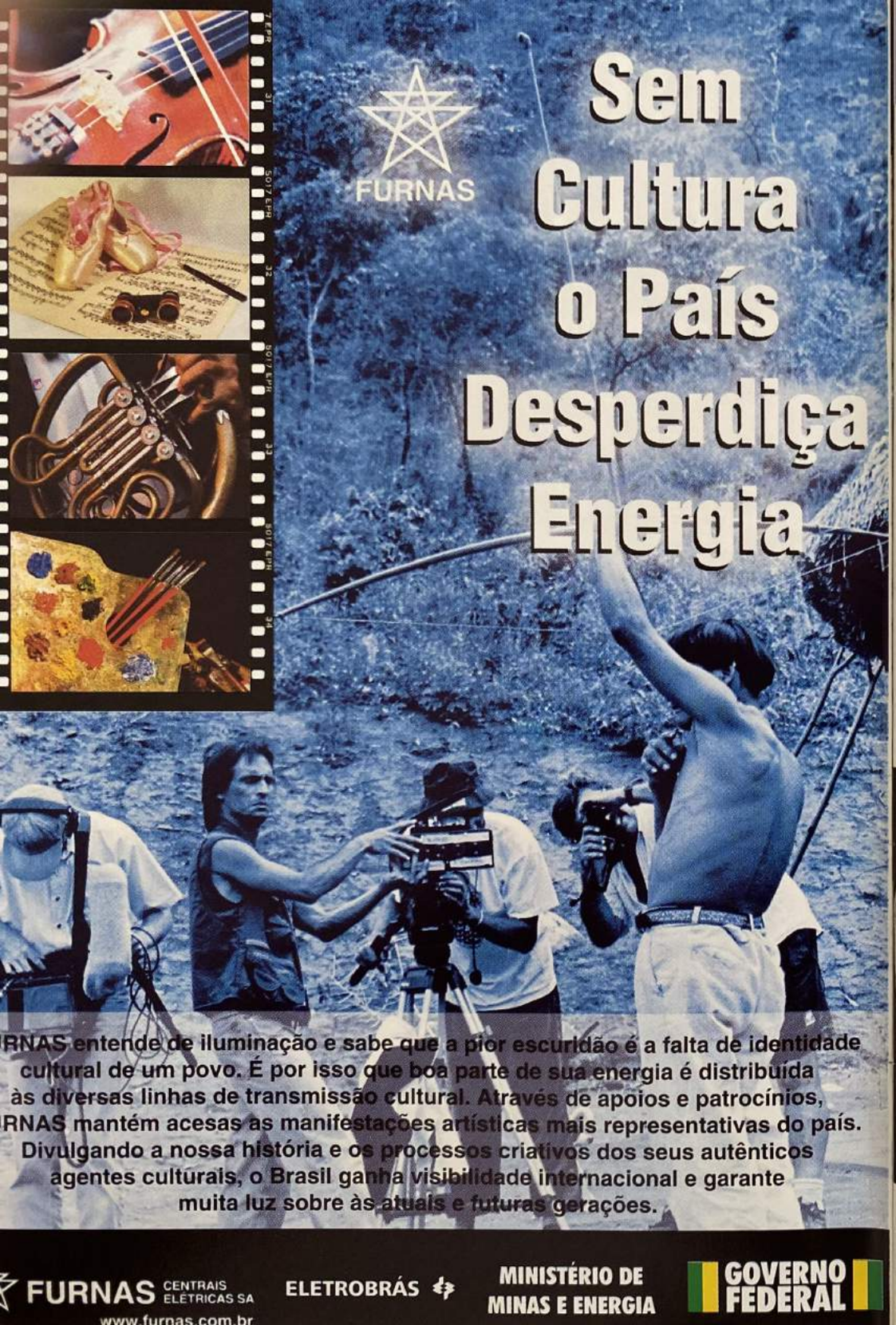
Raul Cortez em

Rei Lear

Uma viagem através da loucura

Mario Cesar Camargo

Jornal do Teatro • Em cartaz • Adriano Siri • Flávio Marinho • Gerald Thomas • Gilberto Gawronski • Jorge Fernando • Reynaldo Gianecchini • Rosamaria Murtinho



Esses moços, pobres moços...

"Entre as inúmeras perguntas que me faço, uma das que mais me aflige é: qual será a função do ator no mundo contemporâneo? Falo da questão social, da importância da profissão na formação da sociedade. É um dos ofícios mais antigos da humanidade, registrado desde a Grécia antiga e que, com o passar dos tempos, tornou-se de grande projeção.

Por ser uma profissão que lida muito com a vaidade e a exposição, reparo que hoje em dia muitos dos atores são movidos mais por esses aspectos do que pela vocação. Escolhem o repertório movidos pelo exibicionismo ou por uma demonstração de virtuose, e não pelo que acham importante dizer ou pelo valor do texto que pronunciam.

Acho que esta é a grande dialética deste dito *tempos modernos*. Atores que falam textos apenas decorados e que não pensam no que dizem, não questionam. Atores que usam a credibilidade da profissão para apoiar políticos que desconhecem, dar entrevistas à publicações duvidosas, que sabem somente de quanto é o cachê depositado em suas contas bancárias e como anda a exposição de seus egos na mídia. Que pena desse moços, esses pobres moços, como diria Lupicínio.

No meio disso tudo tento, e não sou o único, manter uma dignidade, valorizar a credibilidade que a minha profissão proporciona. Nem sempre é fácil. Pagar as contas é uma tarefa árdua, mas graças a Deus, ou a Baco, ou à Xanã, tenho conseguido. Subindo ao palco, falando o que considero importante para o entendimento do homem, boto a cabeça no travesseiro à noite com a sensação de estar cumprindo minha tarefa, realizando o meu ofício, e durmo feliz. Afinal de contas, Deus tem me dado a vida que Lhe pedi. E o público — ainda bem! — tem gostado."

Gilberto Gawronski, ator e diretor/maio de 2001

São Paulo tem um novo Centro.

CENTRO CULTURAL
BANCO DO BRASIL

A primeira agência Banco do Brasil, em São Paulo, agora é o endereço do mais novo Centro Cultural Banco do Brasil. O Edifício, uma obra-prima do início do século, localizado no Centro Histórico de São Paulo foi inteiramente restaurado para abrigar salas de exposição, teatro, cinema, vídeo, auditório, restaurante, livraria e um cibercafé. O Banco do Brasil oferece a São Paulo um espaço permanente de arte e cultura. Venha fazer uma visita.

Centro Cultural Banco do Brasil.
Rua Álvares Penteado, 112 - Centro.

esponde 0800 78 5678
cultura-e.com.br

grottera.com

Sem stress

Para evitar atropelamentos na vida profissional de Marília Pêra, a comédia *Dias de Riso*, de Noel Coward, que estrearia em maio, foi adiada para o ano que vem. A atriz, que vai dirigir o espetáculo, está voltada agora para o musical *Vítor ou Vitória*. Mas o elenco de *Dias de Riso*, já contatado, continua o mesmo: Suzana Werner, Giuseppe Oristânio, Leo Jayme, Françoise Forton e Suely Franco. Ficam faltando ainda cinco atores.

Ponte-aérea

Paulo Betti, que tem se dividido entre Rio e São Paulo – aqui faz televisão e na capital paulista dirige *Feliz Ano Velho*, baseada no livro de Marcelo Rubens Paiva – volta definitivamente em julho, quando a peça estréia em palcos cariocas com a atriz Maria Ribeiro no elenco. Pode já agendar.

Na telinha

João Bethencourt chega à televisão. Sua peça *Como Matar um Playboy* está sendo adaptada para um dos episódios de maio do programa *Brava Gente*, dirigido por Ignácio Coqueiro. Ele já dirigiu também, e para o mesmo programa, *O Morto do Encantado*, de Oduvaldo Viana Filho. Tevê em alto estilo!

Premiada

Indicado ao Prêmio Shell de melhor texto, a peça *Disk Ofensa*, de Pedro Vicente, ganhou finalmente temporada carioca no Porão da Casa de Cultura Laura Alvim. A peça marca a estréia de Bruno Garcia na direção. O ator foi visto e aplaudido no filme *O Auto da Compadecida* e na peça *Lisbela e o Prisioneiro*. E aí vem mais um sucesso...

RJ Rio de Janeiro SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)511-1390 e (21)511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lúcia Rangel (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: João Caldas/divulgação.

Após 2 anos de sucesso em São Paulo AGORA NO RIO DE JANEIRO

VISA apresenta

Rita Guedes

Roger Gobeth

Marcos Pasquim

direção
BIBI FERREIRA

texto
JUCA de OLIVEIRA

Qualquer gato vira-lata
tem uma vida sexual mais sadia que a nossa

premio APETESP
MELHOR TEXTO

indicação
MELHOR ATRIZ
MELHOR CENÁRIO
MELHOR TRILHA

www.gatoviralata.com.br

5ª a sábado - 21:30h
Domingo - 19:00h

TEATRO VANNUCCI
Shopping da Gávea
Rua Marquês de São Vicente, 52
Tel: 274-7246 / 239-8545 / 239-8595

reserva grupos
tel produção
(21) 7836-1200

Rio Sul Varig

produção geral
RITA GUEDES
HIRAM RAVACHE

DENA Produções Artísticas
Apoio institucional da Prefeitura do Município de São Paulo

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Rosamaria Murtinho

Tudo é magia

Rosamaria Murtinho está na peça Letti e Lotte.

Rua São Luiz, 27, 18º Andar. Texto de Abílio Pereira de Almeida em montagem de Alberto D'Aversa, no TBC. Foi a primeira vez que eu e Nathalia Timberg trabalhamos juntas....." Com essas palavras, dando início a uma entrevista sobre *Letti e Lotte* para um jornal, começou a me bater uma saudade dos velhos tempos! Já são 46 anos de estrada...

Minha carreira começou num desses felizes acasos. Meu irmão, Carlos Murtinho, atuava no teatro amador, sendo um dos diretores da Cia Stúdio 53. Um dia, uma das atrizes adoeceu. Paulo Francis, então um dos diretores, teve a idéia de falar para meu irmão me colocar. Entrei na peça faltando quinze dias para a estréia, era uma baita de uma responsabilidade! Dali em diante vi realmente o que queria para a minha vida: viver de arte ou, mais especificamente, viver de teatro, já que não poderia ser bailarina como queria por um problema no menisco. Estudei muito, fiz muitos espetáculos, trabalhos na tevê e no cinema, ganhei prêmios, fiquei com uma tarimba danada, e o que é mais importante para um ator, construí uma carreira sólida. Minha primeira peça no teatro profissional foi *Sua Excelência em 26 Poses*, de Silveira Sampaio. Já no Oficina, por volta de 64, fiz um espetáculo com tarja preta na boca. Era um protesto contra a censura. Na novela *A Moça que Veio de Longe*, de Ivani Ribeiro, fui considerada a primeira "mocinha" da televisão brasileira. E muitos outros espetáculos e novelas vieram...

Em 99, encarnei Chiquinha Gonzaga, num dos mais belos musicais que o Rio de Janeiro Janeiro e São Paulo assistiram, *Ô Abre Alas*, de Maria Adelaide Amaral. Vivi a maestrina dos 17 aos 80 anos. Eram horas de muito corre-corre, trocas de roupa, sobe e desce... Agora quero fazer outro musical. Que saudades... Afinal, tudo é magia, tudo é teatro.

PROJETO MULTISHOW DE INCENTIVO AO TEATRO

multishow

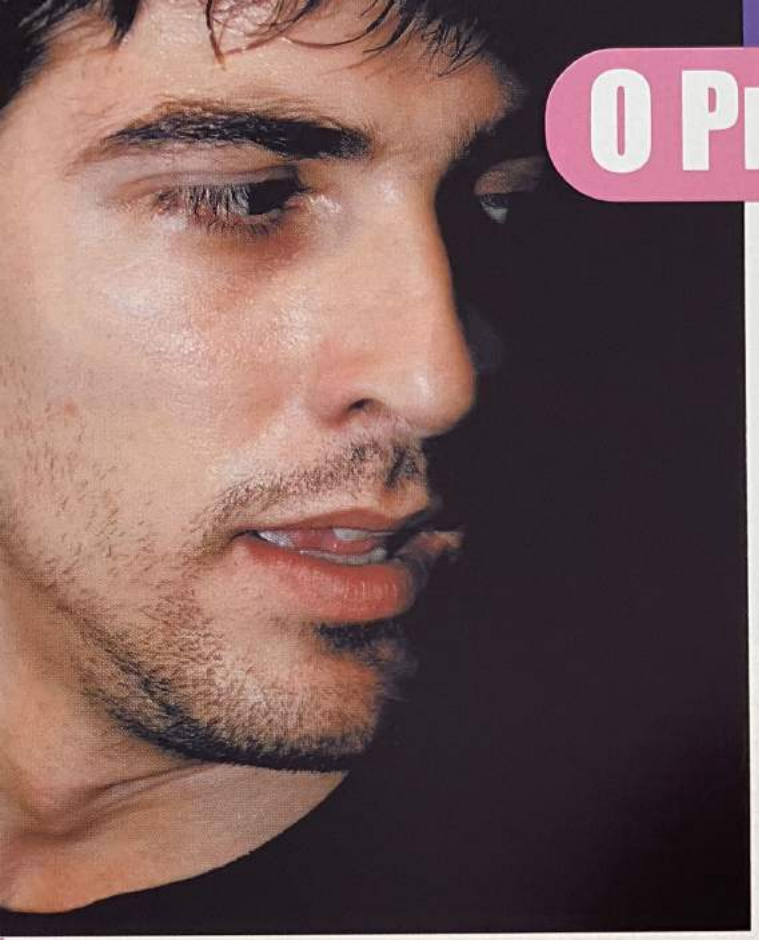
O canal entre o teatro e o público brasileiro.

O **Multishow**, como o canal pioneiro no incentivo ao teatro brasileiro, está selecionando peças para o **Projeto Multishow de Incentivo ao Teatro.**
O Projeto conta com a cobertura de leituras, ensaios e estréias; produção de *making ofs*; exposição na mídia nas principais capitais; apoio do lançamento no **Multishow em Revista** e divulgação no **Multishow News.**

Envie o seu projeto:
Rua Itapiru, 1209/sala 421 Rio Comprido
20251-032 Rio de Janeiro RJ
ou marketingmultishow@globosat.com.br.

www.multishow.com.br
Para assistir ao Multishow, assine
NET 0800-992211 ou SKY 0800-172728

multishow
CANAL GLOBOSAT



O Príncipe de Copacabana

Gerald Thomas transforma Reynaldo Gianecchini em um Hamlet subterrâneo...

Por Maria Lúcia Rangel

O perigo oculto continua ameaçando o reino que não é a Dinamarca. Gerald Thomas traz a tragédia do príncipe à procura da verdade para o Brasil, mais precisamente para Copacabana, numa adaptação livre que transformou Hamlet num arqueólogo dos túneis do metrô. No papel título, Reynaldo Gianecchini, que esquece o bom moço da novela para se entregar à experimentação do diretor de *O Príncipe de Copacabana*, a peça que ocupa o mesmo teatro, o Sesc-Copacabana, em que a mulher do ator, Marília Gabriela, passou por experiência semelhante com Thomas.

O texto foi sendo escrito à medida em que os ensaios corriam. Gerald Thomas, que acha fundamental um envolvimento entre as pessoas que estão trabalhando em suas peças, chegou a fazer uma pesquisa sobre a vida de Gianecchini, paulista do interior, ex-modelo profissional e já com uma passagem pelo palco, pelas mãos de José Celso Martinez Corrêa.

O estudo ajudou na construção do espetáculo. Até porque o ator estava querendo fazer um trabalho bem diferente do que o tornou conhecido do grande público televisivo. Gosta do jogo montado pelo diretor, onde tudo é mentira e tudo é verdade. Pediu mesmo para a peça fazer uma reflexão sobre o sucesso rápido e o massacre da mídia. E vai enfrentar as intrigas no buraco do metrô, de frente para a politicagem de outros Claudios, Polônios e de outros fantasmas.

Hamlet em Copacabana

Ao lado de Gianecchini, atores da Companhia de Ópera Seca ajudam a dar forma à encenação. Um deles, a atriz Fabiana Guglielmetti, é considerada por Thomas como sua segurança. E há ainda Paula Burlamaqui, outra personagem lançada pela mídia. Todos trabalhando a favor de uma idéia do diretor, obsessivo pela perfeição a ponto de assistir a todas as apresentações, noite após noite.

Carioca de Ipanema, Gerald Thomas situou seu Hamlet pós-moderno em Copacabana, por considerar o bairro o cenário ideal para as intrigas que cercam seu personagem. Lugar cosmopolita, superpopuloso, onde a rede de venenos já está infiltrada. E, mais importante, está usando a inexperiência de Gianecchini, segundo ele útil ao que pretende, e também a fama que o ator alcançou. Por que não aproveitar o sucesso de seu príncipe?

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Laura Alvim Faz 15 Anos

O centro cultural de Ipanema apaga as velinhas e comemora junto com o público.

Por Maria Lúcia Rangel

Laura Agostini de Villalba Alvim, mulher de gênio irreverente e contestador, chamada por Darcy Ribeiro de "a garota de Ipanema dos anos 20", aplicou todo seu dinheiro num sonho que deu certo e cresce a cada dia: a Casa de Cultura Laura Alvim, localizada em ponto privilegiado, a avenida Vieira Souto, e que neste mês de maio está completando 15 anos, sempre com um compromisso com as mais diversas formas de arte e, principalmente, com a contemporaneidade.

Se o projeto começou tímido, com parcos recursos, hoje conta com dois teatros, três cinemas, um espaço para artes plásticas, três salas de aula, uma lojinha de souvenirs e uma cantina. Mas não foi fácil chegar até aí. Tudo foi conseguido com a renda dos cursos e dos cinemas, já que a bilheteria dos teatros é entregue à Funarj. Que o diga Flávio Marinho, na direção da casa desde fevereiro de 96.

"Quando o Leonel Kaz, então Secretário de Cultura, me convidou para o cargo, pediu duas coisas: rentabilidade e visibilidade", diz Flávio. "Teria que fabricar dinheiro lá dentro e trabalhar a divulgação do local. Com um agravante: não tinha dinheiro para nada. Pensei comigo mesmo: como eu trabalho para o teatro e vivo relativamente bem, num país em que não se dá a menor bola para teatro, devo ter algum talento. Aceitei."

Desde a inauguração, em 86, Flávio era assíduo freqüentador da Laura Alvim. No início, imaginou que o lugar iria pegar fogo - uma casa de frente para o mar de Ipanema dedicada à cultura era uma benção! Mas a performance da casa era mais sóbria do que deveria ser. Com o apoio da Associação de Amigos da Casa de Cultura Laura Alvim, dirigida por Guguta Brandão e Ângela Leal, começou a administrá-la. "Com o apoio dessas duas mulheres poderosas, sagitarianas do mesmo dia, três de dezembro, a gente começou a caminhar. Sem esquecer que nos dois primeiros anos tive patrocínio do Banco Boavista."

A ajuda foi importante porque a casa estava em estado precário e sem direção há três meses. Hoje, a Laura Alvim tem cerca de três mil alunos matriculados em quase 40 cursos (teatro, línguas, roteiro para TV, interpretação, pintura em porcelana). O cinema teve as poltronas trocadas e mais dois foram construídos. E todos os cômodos ganharam refrigeração.

"Ainda falta", lembra Flávio. "Há cinco anos venho tentando reativar o terceiro andar, onde havia o museu Laura e onde ela morava. Fiz um trabalho de museografia para sua recuperação e reativação, que se tornará dinâmico e moderno, contando a história de sua criadora. Ana Maria Nunes escreveu um monólogo itinerante, *A Primeira Garota de Ipanema*, que vai funcionar como uma visita guiada e dramatizada. Ao lado disso, quero fazer um bistrô no varandão que dá para a praia, com vista do Arpoador ao Leblon. Mas está tudo emperrado pela burocracia. Quando conseguir realizar estes dois projetos, poderei ir embora. A missão estará cumprida".

Festa de Aniversário

Os 15 anos da Laura Alvim serão comemorados em todos os espaços da casa de cultura. Na galeria, será inaugurada no dia 8 de maio a exposição Mulheres de Laura, com trabalhos de 15 artistas plásticas, entre esculturas, gravuras e pinturas. As arcadas serão ocupadas por 18 painéis traçando um panorama dos 15 anos de atividades da casa: é a mostra Laura na Mídia. Um show do grupo Garganta Profunda vai animar o teatro. E os cinemas terão sessões gratuitas dos filmes Central do Brasil, Primeiro Dia e Serva Padrona.

FOTO: DIVULGAÇÃO

Os Duelistas

Jorge Fernando dirige Mário Frias e André Segatti em musical-duelo, uma história em defesa da honra...

Por Maria Lúcia Rangel

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Durante a época da ascenção e queda de Napoleão Bonaparte, dois rapazes representando a nobreza e a plebe se batem em duelo sempre que se encontram, definindo a honra de acordo com seus próprios códigos de valores. O roteiro é familiar? O conto *O Duelo*, de Joseph Conrad, clássico da literatura inspirado numa história real, deslanchou a carreira do cineasta Ridley Scott, que filmou a história em 77 com Keith Carradine e Harvey Keitel. *Os Duelistas* – também nome do filme – transforma-se agora em um musical, adaptado por Jorge Fernando e Paulo Cursino, com os atores André Segatti e Mário Frias em duelo permanente.

Nunca traduzido para o português, o conto de Conrad chegou a Paulo Cursino através da Internet. Só então conseguiu um vídeo do filme. Achou ambos muito psicológicos, sendo que as soluções encontradas por Ridley Scott eram cinematográficas demais para o palco. Os duelistas, quando se encontram, falam sempre de uma dívida de honra que não conseguem resolver: "Nós tivemos que trabalhar melhor as motivações, porque eram muito profundas, uma coisa interna de vilão".

Jorge Fernando entrou no projeto e transformou a história num grande musical. Uma superprodução com um elenco de 18 pessoas, com cenas novelescas que às vezes são contadas através de uma música, deixando de ser apenas um duelo pela honra. "Assim a peça ganhou uma dimensão que atinge todas as idades", diz ele.

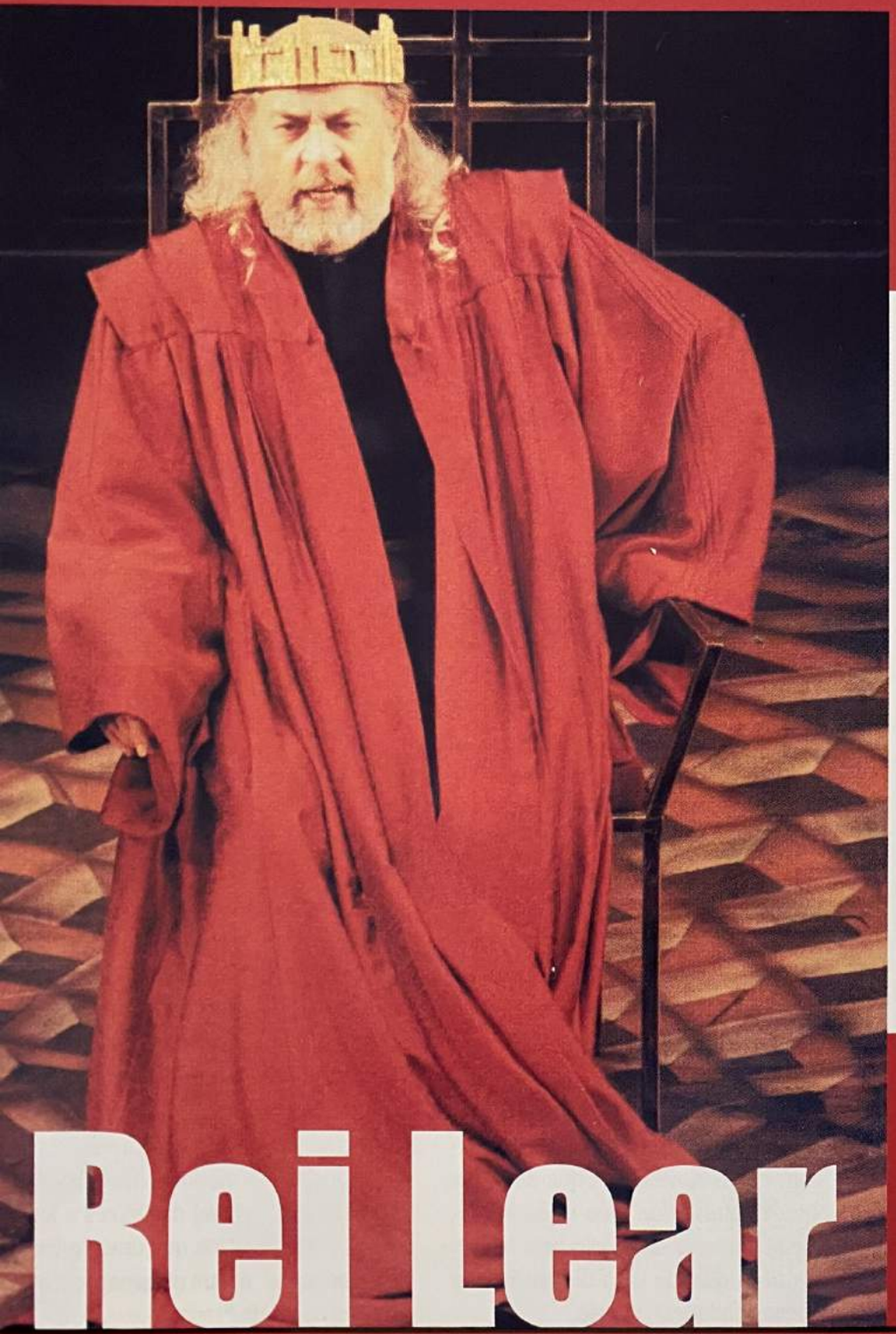
Mudando o roteiro...

O diretor não costuma trabalhar com atores em início de carreira. Desta vez foi escolhido por eles. Quem lhe apresentou o projeto foi André Segatti. "Respondi que a peça não me interessava, mas mudando aqui e ali, faria um musical", conta Jorginho. "Peguei a carona deles e fui convidando gente para dar suporte, como Sílvia Massari e Nelson Freitas. Virou um musicalzão com 18 atores".

Apaixonado por musicais – fez, entre outros, *Hair, Rock Horror Show, Cândido* – Jorge Fernando desejava fazer um musical antes de entrar de cabeça na novela de Sílvio de Abreu, que ele vai dirigir na Globo: "Acabou sendo um presente. Em vez de ser para o André, para mim".

Para Paulo Cursino, o trabalho com Jorginho deu mais gás à peça. Introduziram um triângulo amoroso (os duelistas e a atriz Adriana Tolentino) e uma dívida em dinheiro, adendos que tornam a história mais clara para o público. Sílvia Massari tornou-se, além de madrasta de um dos personagens, a narradora. Segundo Cursino, que também escreveu as letras das músicas compostas por Tadeu Mathias, a história cresceu muito nas mãos de Jorge Fernando.

"Quero contar a história dos dois irmãos separados na infância e que, sem saber, passam a vida duelando", diz Jorginho. Sempre com muito preparo corporal dos atores e lutas de espada: "Não foi à toa que uma cartomante me garantiu que, noutra encarnação, eu fui de um circo no sul da França".



Rei Lear

Raul Cortez e o auto-conhecimento através da loucura, em clássico de Shakespeare.

Por Maria Lúcia Rangel

Rei Lear desembarca no Teatro Villa-Lôbos trazendo na bagagem o prêmio APCA de Melhor Espetáculo e Melhor Cenografia do ano de 2000. O projeto, nascido há dois anos, reúne o ator Raul Cortez e o diretor Ron Daniels, um carioca que começou sua carreira de diretor em 64, na Inglaterra, no Royal Shakespeare Theatre. Atualmente morando nos Estados Unidos, Daniels já dirigiu Glenda Jackson, Kathleen Turner, Nigel Hawthorne e Simon Callow. Por que não Raul, com quem trabalhou no Teatro Oficina quando ambos faziam *Os Pequenos Burgueses*? A concepção do espetáculo é clássica. Daniels assina a adaptação, a tradução e a direção.

Apesar de o encontro com Ron Daniels ter acontecido há dois anos em São Paulo, o projeto teve que esperar pela disponibilidade de ambos. Quando aconteceu, foram apenas dois meses para ensaiar: "Aqui é assim", justifica Raul. "Tendo um patrocínio, levantamos as mãos para o céu agradecendo e fazemos". Com pouco tempo, o jeito foi ler. O trabalho começava em casa, com as mais diversas leituras sobre Shakespeare e vídeos com encenações inglesas e até russas. E continuava no teatro, com os ensaios.

Travessia

O que mais o encanta no texto? A resposta do ator vem rápida: a travessia. "Uma noite eu estava tão cansado, me preparando para entrar em cena, que a frase saiu: ai, vou começar a travessia. E isto é o fantástico. Porque Rei Lear vai do máximo da vaidade, do orgulho, da prepotência, do poder absoluto e da ignorância total de si mesmo para um conhecimento absurdo da visão do homem e da humanidade, tudo através da própria loucura."

O primeiro Shakespeare

Hamlet. Raul Cortez recorda-se de seu primeiro Shakespeare com carinho. Ainda muito jovem, fazia figuração. Hamlet era Sérgio Cardoso, e a peça estava sendo encenada em São Paulo no antigo Teatro Bela Vista, hoje Teatro Sérgio Cardoso. E foi lá que Raul reestreou seu Rei Lear. "Quando anunciaram meu nome, me dei conta de que estava sentado exatamente no mesmo lugar onde me sentava como figurante para ver o Sérgio Cardoso representar. Me deu a maior emoção." Lembrar-se do segundo Shakespeare é mais difícil. Raul busca na memória e... bate na madeira, soltando uma risada: "Fiz Júlio Cesar. É perigoso dizer este nome. Acho que o espírito é muito forte. Foi uma encenação do Antunes produzida pela Ruth Escobar. Eu fazia Cassio. Não devia fazer nada bem. Era muito jovem."

O espetáculo fala da história do poderoso Rei Lear que, para evitar a guerra civil após sua morte e com a intenção de livrar sua velhice de cuidados, divide o reino entre três filhas. Mas exige que, antes, cada uma delas faça uma declaração pública de seu amor. As duas mais velhas, Goneril e Regana, sabem como bajular o pai. A caçula Cordélia recusa-se a participar desse concurso de amor e resolve dizer não. Furioso, acreditando que o silêncio de Cordélia significa que ela não o ama, o rei renega a filha preferida e declara que para sempre ela será estranha para si e seu amor. Através de sua própria loucura e de terrível sofrimento, Lear saberá reconhecer o verdadeiro amor da caçula.

Nudez e prece

Momentos tocantes acompanham o rei (e o público) em seu longo mergulho dentro de si mesmo. "Tem coisas muito bonitas quando começa o processo de loucura dele. A prece que faz é lindíssima, reconhecendo as pessoas em sua pobreza, em sua miséria. Nesse momento, ele diz: eu nunca cuidei disso. E tira a roupa. Eu fico totalmente nu. Não me constrange nada, nada, nada. E o público recebe em silêncio absoluto. Lear fala: O que é um homem? Sem roupa? Sem conforto? Ali ele é verdadeiramente rei. Para ele é necessário o despojamento total, se despir de tudo."

É possível um trabalho tão intenso sem incorporar o personagem? Raul diz que sim. O importante é o ator conseguir a emoção certa e saber passar para o público: "Se você faz um ato de incorporação, de ser tomado, pode cair num estado meio histérico. E a emoção fica só sua, não vai para o público. O grande prazer é sentir aquela emoção, ter domínio do palco, saber onde você está colocado naquele espaço, o que seus companheiros estão fazendo, o público como é e...esquecer a técnica. Incorporar e ser uma verdade. Isso é que é o louco na profissão da gente. É uma linha que eu faço, você entre a verdade e a mentira. Naquele momento, é verdade a mentira que você está dizendo. Isso é lindo. Um ato de generosidade, porque está dando uma emoção que procura ser a mais pura, a mais genuína".

Rei Lear, produzido e idealizado por Raul Cortez, fica no Villa Lôbos até 24 de junho, junto com uma tonelada de cenários, 25 atores em cena, 10 técnicos. Por essa época Raul guardará o cenário para fazer a nova novela de Sílvio de Abreu na TV Globo. Mas como a possibilidade de patrocínio do Ministério da Cultura é real, ele já pensa em subir ao palco de outras capitais com seu Shakespeare.

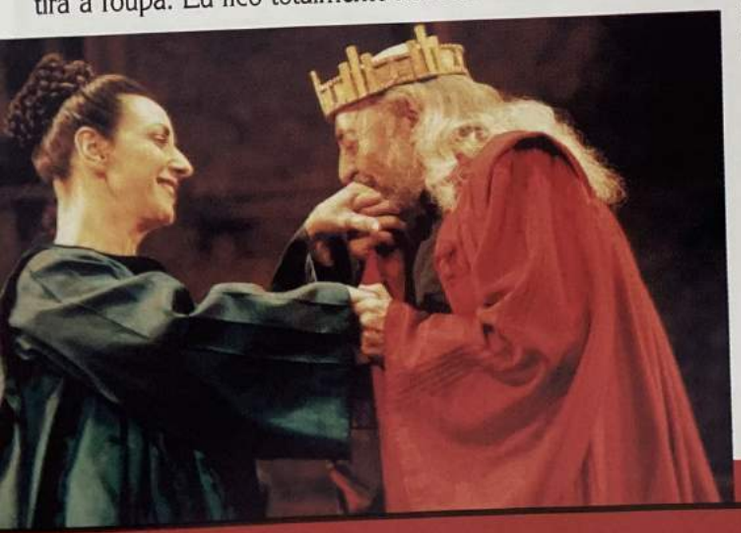


FOTO: JOÃO CALDAS/DIVULGAÇÃO

Colecione, assine!

Enviamos para todo o Brasil

Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações
Tel.: (21) 511-5344 / 511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

COMPRE JÁ!
Coleção completa de Aplauso por R$ 48! Edições de 1 a 24

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A Máquina

Romance de Adriana Falcão sobre um rapaz nordestino que dá o mundo de presente à namorada. Adaptação de João Falcão. Com Gustavo Lago e Karina Falcão. **Teatro Casa Grande** (Av, Afrânio de Mello Franco, 290, Leblon). Fone: 239-4046. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.). R$25 (sáb.).

A Memória da Água

Texto da inglesa Shelagh Stephenson reunindo três irmãs que aguardam o funeral da mãe num vilarejo inglês, ao lado do mar. Direcão de Felipe Hirsch. Com Andréa Beltrão, Eliane Giardini, Ana Beatriz Nogueira e Guilherme Weber. **Teatro das Artes** (Rua Marques de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Alta Sociedade

Juntos depois de 30 anos, Fernanda Montenegro e Ítalo Rossi interpretam um casal aristocrata e intelectual na peça escrita e dirigida por Mauro Rasi especialmente para os dois. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$30 (qui., sex. e dom.), R$40 (sáb.).

Amante S.A.

Comédia de John Chapman e Dave Freeman sobre as confusões na casa de uma mulher com dois amantes. Tradução e adaptação de João Bethencourt. Direção de Cyrano Rosalém. Elenco: Cristina Prochaska, Hélio Ribeiro e Roberto Frota. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Morais, 824, Ipanema). Fone:523-9794. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Bárbara Não Lhe Adora

Texto e direção de Henrique Tavares, no espetáculo que acompanha o seqüestro de uma famosa crítica de teatro por um grupo mambembe. Com Ana Paula Abreu, Charles Paraventi. **Espaço 2 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 275-6695. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Cócegas

Peça com oito histórias bem-humoradas sobre o universo feminino de duas jovens autoras, Ingrid Guimarães e Heloisa Perissé, também as atrizes do espetáculo. Direção de Aloísio de Abreu, Sura Berditchevsky, Luiz Carlos Tourinho e Marcelo Saback. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica 63, Ipanema). Fone: 267-7295. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$10 (sex. e dom.). R$15 (sáb.) Desconto de 50% para estudantes, maiores de 65 e moradores de Ipanema.

Company

Comédia musical de Stephen Sondheim, que recebeu sete prêmios Tony quando estreou, em 1970. Direção de Charles Möeller. Com Cláudio Botelho, Cláudia Netto e mais 12 atores/cantores. **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 541-6799. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$25 (qui. sex. e dom.). R$30 (sáb.).

Da Arte de Subir em Telhados

Uma história de memória e encantamento. Texto e direção de Paulo de Moraes. Com o Teatro Armazém. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, s/n, Espaço Oito, Lapa). Fone: 9753-9291. De quinta a domingo, 20h. R$15 (qui.) e R$20 (sex., sáb. e dom.).

Disk Ofensa

Peça de Pedro Vicente em que um casal cria um serviço de 0900 para ganhar dinheiro. Direção de Bruno Garcia. Elenco: Marília Medina, Regina França e Marco André Nunes. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone:267-1647.Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15.

Escrava Isaura

Adaptação livre do romance de Bernardo Guimarães com a Cia. de Comédia os Melhores do Mundo, de Brasília. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas 3555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.), R$25 (sáb.). Até 27 de maio.

Hamlet

O clássico de Shakespeare foi a peça escolhida por Diogo Villela para comemorar seus 30 anos de carreira. Direção de Marcus Alvisi. Com Diogo Villela, Camila Amado e Antonio Pedro. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2000. De quarta a domingo, 19h30. R$10.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

Honra

Drama moderno. Uma típica família de classe média é abalada com a entrada em cena da amante do marido. Direção: Celso Nunes. Elenco: Regina Duarte, Marcos Caruso, Gabriela Duarte e Renata Quintela. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 511-2791. Terça, 21h. Quarta, 18h. R$20 (qua.) e R$30 (ter.). Até 23 de maio.

Kurt Weill Cabaret

Musical sobre a vida do autor, da Alemanha até a Broadway. Direção de Fábio Pillar. Elenco: Cláudia Vigonni, Cláudio Tovar e Fábio Pillar. **Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 235-5348. Terça e Quarta, 21h. R$20. Estréia dia 24 de abril.

Letti e Lotte

A comédia de Peter Shaeffer marca o encontro de três damas do teatro brasileiro: a diretora Bibi Ferreira e as atrizes Rosamaria Murtinho e Nathalia Timberg. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 563-4163. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$ 25 (sáb.) e R$20 (qui., sex. e dom.).

Mais-que-Imperfeito

Texto de Marcelo Rubens Paiva sobre a vida a dois, onde o autor ensina táticas de conquista. Direção de Rafael Ponzi. Com Clara Garcia, Tato Gabus Mendes, Ingra Liberato e Antônio Gonzalez. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 511-2791. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.). Até 13 de maio.

Maquinária

Musical. Roteiro e direção de Tim Rescala, com a Orquestra Brasileira de Sapateado. Coreografias de Amália Machado e Cíntia Martin. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui.), R$20 (sex., sáb. e dom.). 50% de desconto para idosos e estudantes às sextas-feiras.

Nojo

Musical de Marcos André Temponi, que também atua, sobre o Brasília de hoje e de sempre. Direção de Joaquim Vicente. Elenco: Lúcia Prado, Cláudio Magueolo. **Teatro da Casa de Cultura Margarida Rey** (Travessa Cristiano Lacorte, 54, Copacabana). Fone: 522-1603. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

O Príncipe de Copacabana

Livre adaptação de Gerald Thomas para *Hamlet*, de Shakespeare. Com Reynaldo Gianecchini e atores da Companhia de Ópera Seca. **Teatro Sesc-Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 547-0156. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20

Os Duelistas

Musical baseado no conto O Duelo, de Joseph Conrad, dirigido por Jorge Fernando. A história acompanha quinze anos da vida de dois oficiais franceses no século 19. Elenco: André Segatti, Mário Frias, Sylvia Massari. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. Quinta e sexta, 21h30. Sábado, 19h. e 21h30. Domingo, 17h30 e 20h. R$20 (qui., sex., matinês de sáb. e dom.). R$30 (sáb. e dom.).

Os Milagres de Nossa Senhora Aparecida

A peça de Adailton Medeiros, que homenageia a padroeira do Brasil, é encenada na hora da Ave Maria, seis da tarde. Direção de Gilson de Barros, também no elenco. Com Vilma Melo. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523.9794. Sexta e sábado, 18h. Domingo, 17h. R$12. 20% de desconto em dois ingressos para quem levar um quilo de alimento. Até 20 de maio.

Primus

Adaptação livre da Boa Companhia do conto de Kafka *Comunicado a uma Academia*. Direção de Verônica Fabrini. Com Alex Caetano, Daves Otani. **Sesc Rio Arte** (Av. Copacabana, 360). Fone: 255-9030. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 e R$5 (comerciários e maiores de 65).

Qualquer Gato Vira Lata tem uma Vida Sexual mais Sadia do que a Nossa

A mais recente comédia de Juca de Oliveira mostra como conquistar a paixão dos homens à luz da psicologia de Darwin. Direção de

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

Bibi Ferreira. Com Rita Guedes, Marcos Pasquim e Roger Gobeth. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 274-7246. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R$20 (sex.), R$25 (qui. e dom.) e R$30 (sáb.).

Rei Lear

Tradução de Barbara Heliodora e concepção de Ron Daniels, que também dirige, do clássico de Shakespeare. Com Raul Cortez, Lu Grimaldi, Bianca Castanho. **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 275-6695. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 18h. R$30 (qui.), R$35 (sex. e dom.) e R$40 (sáb.).

Romeu e Julieta

O clássico de Shakespeare ganha direção de Pedro Vasconcellos, que também atua como Teobaldo, ao lado de Danton Mello e Lavínia Vlasak nos papéis-títulos. No elenco, mais oito atores da Companhia Carioca de Teatro Jovem. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$25, com desconto de 50% para estudantes.

Viagem ao Centro da Terra

Espetáculo interativo em que o público é convidado a participar de um jogo. Direção e Concepção de Ricardo Karman e Otávio Donasci. Com Renato Reston e Walter Rosa. **MAM – Galpão das Artes** (Av. Infante D. Henrique, 65, Centro). Fone: 223-1038. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$31 (qui.), R$41 (sex. e dom.).

Voyeur

Tragicomédia sobre um homem que sabe que vai morrer e espera a morte numa banheira durante 10 dias. Texto e interpretação de Múcio Medeiros, com participação especial de Luma Figueiredo. Direção de Caio Antunes. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153, Centro). Fone: 285-6350. Terças e quartas, 21h. R$10.

não perca

O espectador gostou, assistiu e indica

Qualquer gato vira-lata tem uma vida sexual mais sadia do que a nossa

"É uma peça divertidíssima onde, mais uma vez, nossa dama Bibi Ferreira acerta. O texto do Juca de Oliveira é delicioso, bem leve. E a Rita Guedes está engraçadíssima. Você vai gargalhar muito".

Zezé Motta, atriz.

A memória da água

"É um espetáculo belíssimo, muito comovente. Tem direção e atuação primorosas. O meu destaque especial vai para Eliane Giardini, que está sensacional".

Caco Ciocler, ator.

Letti e Lotte

"O humor refinado do texto de Peter Schaffer é contagiante. Sem contar o talento das damas do teatro Nathália Timberg e Rosamaria Murtinho".

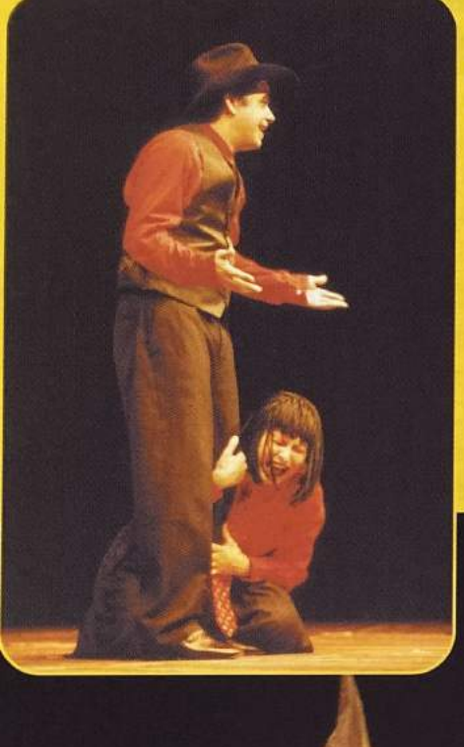
Flávia Monteiro, atriz.

A máquina

"Um espetáculo diferente com um grupo de atores baianos muito talentosos. O texto e a direção, de Adriana Falcão e João Falcão, são primorosos. Não percam!".

Gabriela Alves, atriz.

Escrava Isaura
A Comédia



Um clássico da literatura e da tevê com toques de humor.

Por Maria Lúcia Rangel

Logo na abertura de *Escrava Isaura – A Comédia*, um dos atores dedica o espetáculo à Lucélia Santos. Fica a certeza de que a adaptação da Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo para o romance de Bernardo Guimarães buscou inspiração na novela da Globo, que teve a atriz no papel-título. Os seis componentes do grupo brasiliense não escondem a influência.

Até convidaram Rubens de Falco – o Leôncio da história, um dos maiores vilões da literatura e da televisão brasileira – para uma participação especial. Ele recusou, mas prometeu comparecer ao Teatro dos Grandes Atores, onde o grupo se apresenta até o final de maio.

Um grupo com um repertório acima de 20 espetáculos, a Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo ficou um ano em cartaz no Rio com *Sexo*, entre 98 e 99, e um mês com *AAAHHH!!!*., também em 99. O sumiço de um ano deveu-se ao festival que apresentaram no ano passado em Brasília: 12 espetáculos durante um ano - um por mês - com cerca de 40 mil espectadores.

Conseguiram algo raro: fazer teatro e viver dele. Agora estão por aqui numa temporada maior. Começaram apresentando *Misticismo* e depois *Tormentas da Paixão*, para encerrar com a *Escrava*. Em junho, julho e agosto se transferem do Teatro dos Grandes Atores para o Rubens Corrêa.

É Adriano Siri, arquiteto de formação, quem responde pelos companheiros Adriana Nunes, Jovane Nunes, Ricardo Pipo, Vítor Leal e Welder Rodrigues.

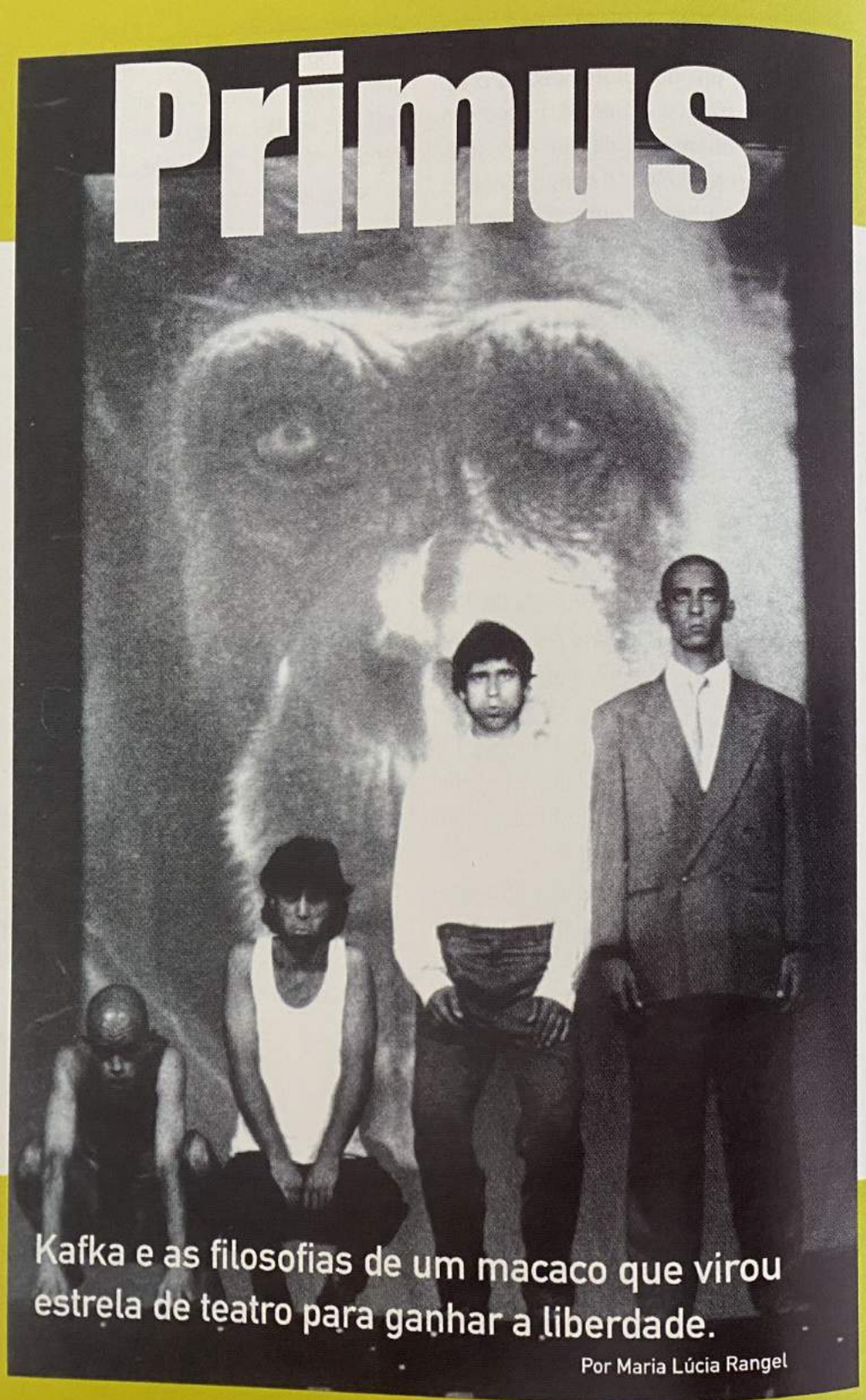
Encontram-se com freqüência para decidir o que vai ser feito. Definido o tema, todos começam a trabalhar no texto. E por ser um grupo polivalente, as tarefas acabam bem divididas. Welder é quem faz a parte gráfica e ajuda Adriana e Siri nos figurinos e cenários. O texto, responsabilidade dos seis, é finalizado por Vítor e Jovane, ambos redatores do programa de televisão *Megatom*.

A primeira montagem de *Escrava Isaura* é de 94 e só foi vista em Brasília. Todos assistiram à novela, para eles uma das maiores referências da teledramaturgia. Mas a adaptação é totalmente livre: "Imagino que as pessoas lêem pouco e a novela foi muito marcante. Era impossível desvincular o trabalho. Mas criamos novos personagens, como o antropólogo que aparece em vários momentos da peça falando de situações preconceituosas. Porque o preconceito surgiu da própria história da peça. Ela é escrava e branca. As pessoas costumam dizer que fazemos besteirol. Não tem importância. Mas tudo o que fazemos tem sempre uma visão crítica".

Outra novidade do grupo é trocar os personagens de atores. O papel-título é vivido por Adriana Nunes e Ricardo Pipo. O mesmo acontece com os personagens Leôncio, Nêga Benedita e Nêgo Washington: "Aos pouquinhos estamos chegando ao Rio de Janeiro com nosso repertório". Confira...

FOTOS: NICOLAU EL-MOOR/ DIVULGAÇÃO

Primus



Kafka e as filosofias de um macaco que virou estrela de teatro para ganhar a liberdade.

Por Maria Lúcia Rangel

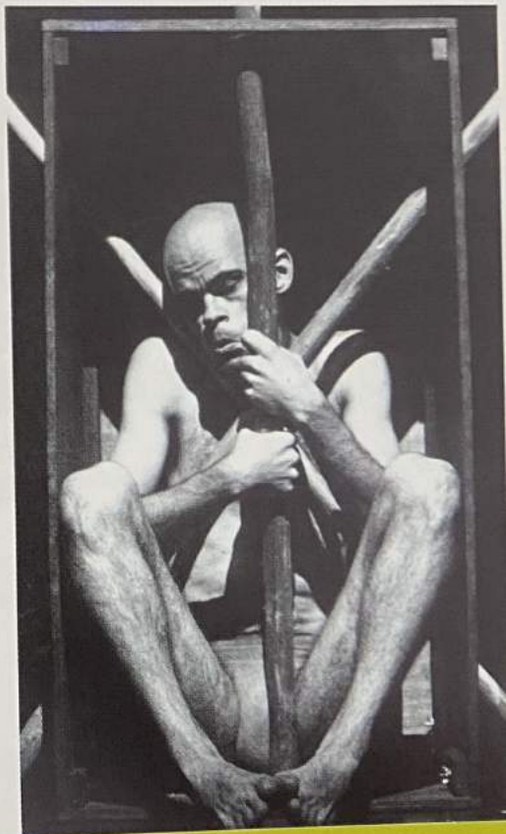
O grupo paulista Boa Companhia, criado em 92 com formandos do curso de Artes Cênicas da Unicamp, chega trazendo na bagagem uma adaptação do conto de Franz Kafka, *Comunicado para uma Academia*, escrito no início do século. A peça acabou de se apresentar no Festival de Curitiba e já recebeu três prêmios no Festival Internacional de Teatro de São José dos Campos: Melhor Espetáculo do júri popular, Direção-Revelação e Prêmio Especial do Júri para o elenco. A história do macaco Pedro poderá ser vista agora no Sesc Rio Arte.

No conto de Kafka, o macaco relata aos cientistas de uma academia toda a trajetória de sua vida: a captura, o adestramento, o aprendizado do comportamento humano e sua transformação em estrela do teatro de variedades, única alternativa para conseguir a liberdade. Trabalhando na linha do teatro físico, os quatro atores da Boa Companhia - Alex Caetano, Daves Otani, Eduardo Osório e Moacir Ferraz - interpretam o macaco representando os estágios da evolução da espécie humana através de uma elaborada performance corporal, que contou com a consultoria da primatóloga Isabel de Almeida e com a observação de primatas no cativeiro.

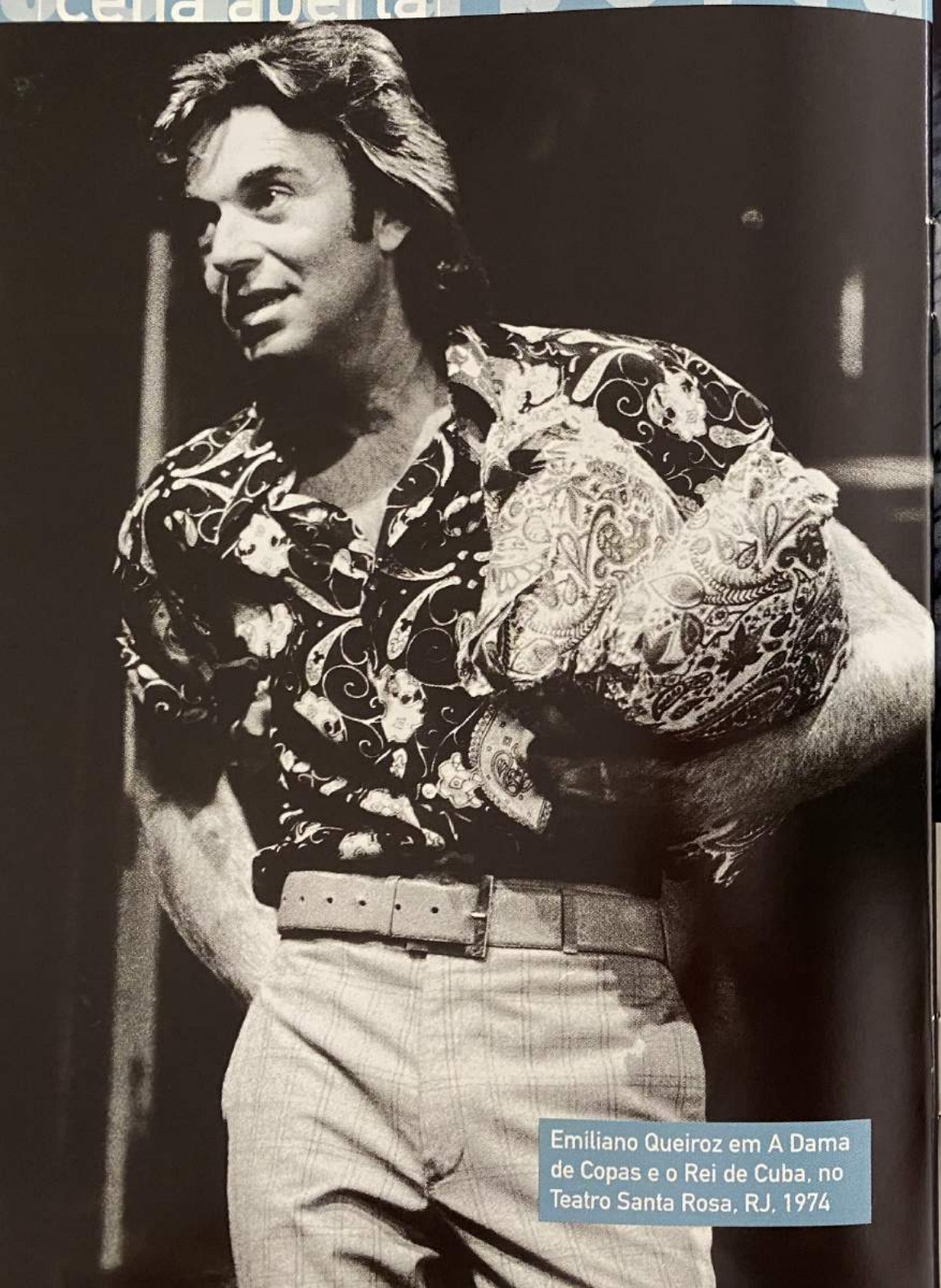
Adestramento

A montagem, dirigida por Verônica Fabrini, mantém os instigantes questionamentos levantados pelo conto, como a superioridade do humano frente à natureza, os limites entre natureza e cultura, entre necessidade e liberdade. E acrescenta outros, como os valores "civilizatórios" e o condicionamento de atitudes e comportamentos para atingir o sucesso a qualquer preço.

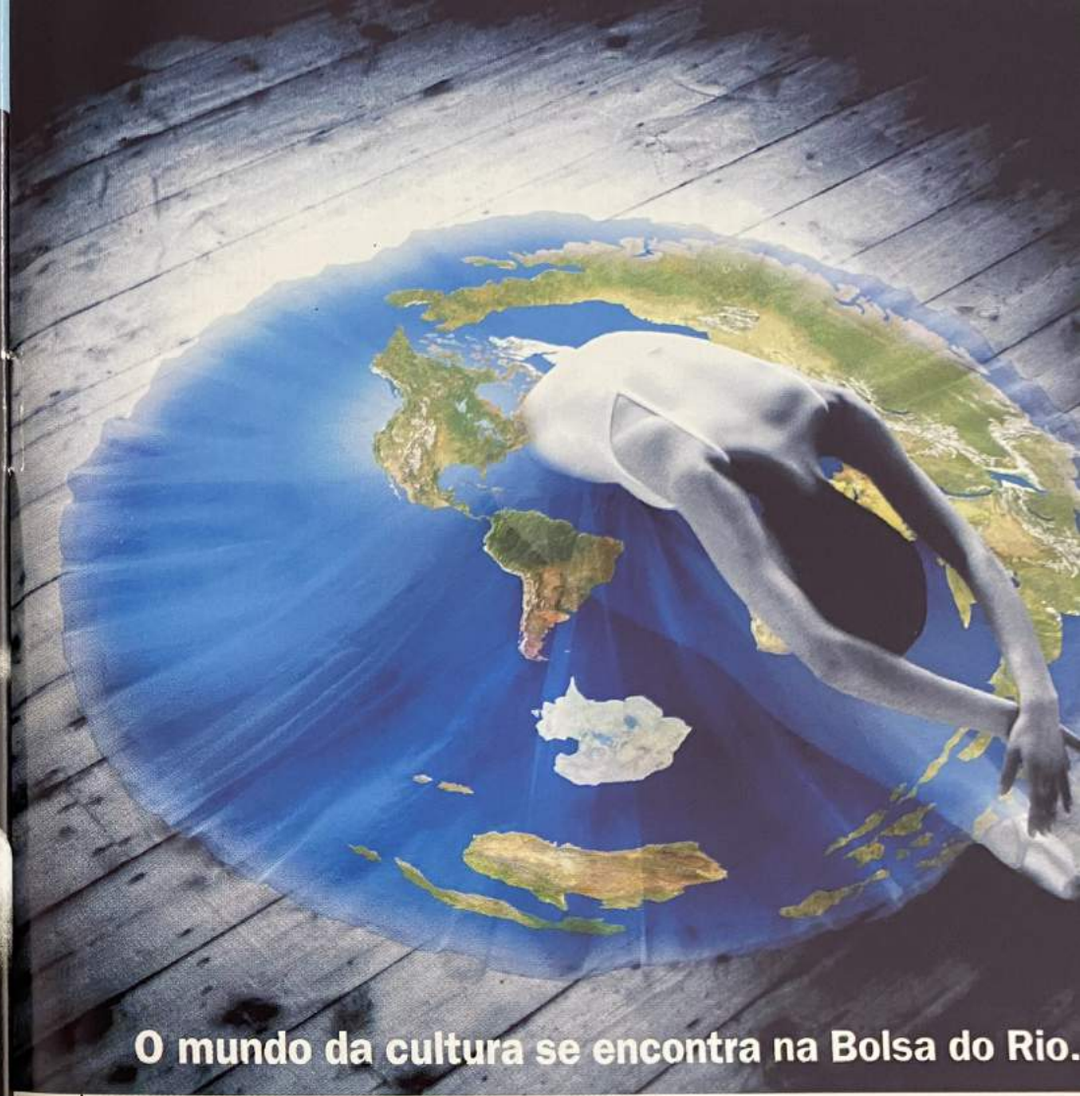
O que levou o grupo a buscar a trajetória do homem ao macaco? Os 500 anos do Brasil foi um dos motivos. Os atores começaram a pensar no processo de colonização também como um processo de domesticação. O adestramento ou completo extermínio de todos os povos "primitivos" que aqui viveram. A solução encontrada pelo macaco Pedro – entrar para o teatro de variedade – para eles soa como uma ironia. Ela traz à tona as contradições próprias da profissão que escolheram: o ator como um "macaco amestrado", como um objeto de curiosidade em oposição à inversão de poder quando se alcança a fama. Ou ainda a dificuldade de manter-se crítico à realidade e viver sua arte ao mesmo tempo. Um macaco filósofo que faz pensar...



FOTOS: DIVULGAÇÃO



Emiliano Queiroz em A Dama de Copas e o Rei de Cuba, no Teatro Santa Rosa, RJ, 1974



O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura. **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

teatros.art

teatro do leblon teatro dos grandes atores teatro das artes

Apresenta:

a memória da água

andrea beltrão eliane giardini ana beatriz nogueira

direção
felipe hirsch

com
marcelo valle
isio ghelman

participação especial
clarice niskier

"...cruelmente cômica e universal no seu lamento".
Herald-UK

"...um texto lírico, espirituoso e cheio de uma rara inteligência emocional".
Sunday Times-UK

"...Uma das melhores peças da década".
Tribune-UK

quinta a sábado 21h00 | domingo 20h00

Rio Sul
VARIG
Pierre
RESTAURANT
IPANEMA PLAZA

teatro das artes - r. marquês de são vicente, 52 2º piso | shopping da gávea | tel. 540-6004